

Queridos amigos, companheiros de docência e aprendizado, tenho que começar expressando, naturalmente, o meu agradecimento pelas carinhosas palavras que acabam de ser pronunciadas agora no meu louvor, e também pela adesão que a essas palavras se tem manifestado com o aplauso dos presentes. E vou renunciar a qualquer insistência no meu mérito, como dizia Calixto na *Celestina*, a propósito das questões postas, e não quero tampouco fazer referência alguma à modéstia do meu trabalho que, mesmo condicionado não só pelas limitações pessoais mas pelas limitações com que um estudante do meu tempo se movia quando a minha formação se iniciou, grava a minha obra, que somente o afecto com que vós a enxergades pode magnificar, convertendo em grande o pequeno como consequência da actividade da vara mágica do carinho. Durante os dias anteriores, diversas personalidades da cultura galega, distintos professores e estudantes da nossa cultura, têm abordado temas pontuais relativos à personalidade de Celso Emílio Ferreiro, e parece oportuno que a minha intervenção clausurante de hoje se limite a traçar um marco dentro do qual, com a focagem que as minhas possibilidades me permite, se possa situar esta figura que deve ser objecto de futuros estudos postos sobre bases em parte muito distintas daquelas que serviram até agora de suporte à ilustração, à difusão, ao comentário deste escritor que, como sabedes, numa determinada época desfrutou de uma popularidade dificilmente comparável à que atingiu nenhum outro dos escritores, poetas ou prosistas, que se moviam no seu tempo dentro do círculo da literatura galega.

Hai, evidentemente, muitas capelas na casa do Senhor, segundo o sagrado texto, e, portanto, longe de nós supor que somente uma férrea e monolítica disciplina que nos consagre como com votos canónicos ao cultivo de uma determinada temática, pode favorecer a criação literária. Pelo contrário, sabemos hoje e saberemos sempre aqueles homens que com a devida preparação e a devida liberdade de espírito focaram estas questões, que o discurso poético, entendendo por tal não só aquele que tem o verso como meio de expressão mas todo discurso que utiliza a palavra como instrumento estético, se caracteriza fundamentalmente pela literariedade, se caracteriza fundamentalmente pelo êxito que obtenha ou pela tentativa que ensaie para atingir um plano de arte, e que a temática é neutra, a temática é indiferente para facilitar uma consagração, para facilitar um êxito, no terreno da poesia, no terreno da literatura, no terreno da arte que tem como material a palavra. Neste sentido hoje estamos longe daquelas situações de conveniência táctica que subordinavam a qualidade poética ao volume de voz com que se defendia uma tese política. Desde as poesias de calendário, décimas ou redondilhas que temos lido tantas vezes em homenagem do Sagrado Coração de Jesus até aos mais acesos poemas de reivindicação social, temos um acervo, um conjunto de textos que, se umas vezes atingem verdadeiros cumes de inspiração real dentro da arte da palavra, noutras muitas ocasiões se justificam somente de um ponto de vista sociológico pela sua eficácia propagandística. E a realidade é que o escritor, o poeta que hoje dá motivo a este Simpósio, até tempos muito recentes apenas foi considerado mais que como um esforçado trabalhador da oposição política dos tempos da ditadura franquista. Tempo é de que, ainda que os politólogos e os sociólogos e os historiadores dos movimentos contra a repressão política continuem os seus trabalhos estudando as relações entre vida literária e vida política e social, que são tão importantes e tão interessantes; tempo é de que ainda que se continue fazendo este trabalho por aqueles especialistas, os especialistas em artes literárias, os filólogos no sentido amplo projectem de uma vez a sua atenção seriamente sobre as distintas facetas do trabalho poético, mesmo do trabalho prosístico deste escritor, a fim de situá-lo de uma vez dentro da realidade da nossa literatura moderna. O tempo é propício a

esta situação. Têm mudado notavelmente as circunstâncias que rodearam o poeta no tempo em que se publicou *Longa noite de pedra*, no tempo em que se publicou *Viaxe ao país dos ananos*. Não significa isto que a totalidade, nem sequer talvez o mais essencial do mundo que o poeta e outras tantas pessoas no mundo literário e no mundo político contemporâneas dele tratavam de substituir, tenha efectivamente dado o passo a uma situação inteiramente oposta, inteiramente distinta daquela que se combatia. Em primeiro termo nunca, como dizia Curros, se realizam programas liberais. Com esta frase Curros aludia, não precisamente aos programas políticos concretos que no século XIX e princípios do XX alimentava o partido liberal ou os partidos republicanos, mas ao facto de que nunca se realiza plenamente o ideal de justiça de alguns idealistas, mentres as duras realidades da vida não os pervertem, defendem com teimosia e com fervor.

A realidade é que o ideal, precisamente por ser ideal, vive num mundo estelar que não tem uma possibilidade de plasmar-se literalmente no mundo real. Temos que renunciar, portanto, na vida pública como na vida privada, a que as coisas marchem inteiramente pelos roteiros que nós desejaríamos. Mas, ainda assim, ainda concedendo que o mundo das realizações é um mundo imperfeito e que nunca pode coincidir plenamente com o mundo ideal, que é uma orientação, como uma estrela, como uma estrela polar à qual não importa que se possa arribar realmente, de todas as formas, ainda com esta benevola interpretação da evolução do mundo contemporâneo, do mundo europeu, do mundo espanhol, do mundo galego, ainda assim temos que admitir que são muitíssimas as lacras herdadas pelos tempos presentes daqueles tempos já felizmente passado em que Celso Emílio Ferreiro atingiu uma extraordinária popularidade como poeta civil. Mas, se estes feitos e a possibilidade de calibrá-los em relação com os motivos pelos quais o poeta seguiu ou não seguiu um determinado caminho na sua obra literária, se é certo que todas estas particularidades reais podem e devem ser objecto de estudo continuado, também é preciso, insisto, em que por fim reconheçamos que, à parte da personalidade política e biográfica individual de Celso Emílio, quanto às suas relações privadas com os seres que o rodearam e a sua actividade pública como poeta que põe em grande parte o seu verso ao serviço de um ideal, há nele um fazedor de versos, um criador de literatura que cultiva o, castelhano e o galego, o verso a prosa, e a quem há, por fim, que defrontar sem prejuízos para determinar qual é exactamente a sua postura dentro da literatura galega e se são afeiçoados os que se ocupem nesta matéria das valorizações hierárquicas, também (isto é secundário do ponto de vista da crítica literária que deve ser fundamentalmente analítica), para ver em relação com os seus companheiros de idade, em relação com os seus mestres ou em relação com os seus, possíveis discípulos em que medida está por cima ou por baixo dos que constituem com ele o conjunto dessa espécie de escada de Jacob que é o censo dos, poetas galegos do seu tempo, que como Jacob têm que sustentar a loita com o anjo, anjo da poesia, com esse anjo que favorece e que rejeita ao mesmo tempo ao homem quando este quer, atingir o, céu da poesia.

Mas não é o meu propósito iniciar este trabalho, até agora apenas podemos dizer que anunciado por alguns precursores, de examinar por fim de um ponto de vista puramente literário, puramente poético, até onde o poético e o literário podem ser puros, qual é a significação concreta, qual é a avaliação justa da obra de Celso Emílio Ferreiro, porque já dizem que mais bem, dado o carácter de fecho deste Simpósio que tem a minha intervenção, o que quicemos, o que quero fazer, é traçar uma moldura, traçar um marco, modesto Por suposto, um marco de carpinteiro, não um marco de ebanista, que possa ajudar a compreender este fenómeno da poesia social, da poesia cívica, como preferia o próprio Celso Emílio designar a sua poesia, dentro da realidade Poética do século XX, e ver até que ponto está inserto numa tradição ou se, pelo contrário, rompe

umha tradiçom e inova umha maneira de conceber a poesia galega. Por isso fala o rótulo desta modesta palestra de discurso político e discurso poético na literatura galega moderna». O discurso político é, por suposto, o conjunto de razoamentos, e tamém o conjunto de actuaçons que plasmam esses razoamentos e essas doutrinas na realidade quanto à transformaçom da sociedade. E o discurso poético e, por suposto, o conjunto de actividades literárias nas quais se incluem tamén, claro está, aquelas de tipo litúrgico, podemos dizer, que conspiram à criaçom: de um acervo, de um tesouro de trabalhos que tenham como finalidade a beleza e como silhares na construçom estética as palavras, as palavras que, com diferença às notas musicais, por exemplo, com diferença às pinceladas do artista plástico, están perigosamente dobradas de umha carga conceptual que subjaz ou sobrejaz à sua carga fonética. De aqui que a poesia, entendendo esta expressom em sentido amplo e deixando que toda a obra literária caia dentro deste conceito, de aqui que as palavras tenham duas vertentes, podeis ser efectivamente, silhares, como dizia antes, do edifício puramente artístico mas dificilmente se desprendem das notas, umhas vezes realmente essencial, outras vezes simplesmente conotativas (das co-notas se queredes), que apon tamos cara umha ideologia, porque toda palavra que pronunciamos, em certo jeito, em maior ou menor medida, define o nosso próprio pensamento. A simples escolha das palavras, o feito de que tenhamos preferênciapor umhao e deixemos de lado outras, significa umha atitude de escolma, umha atitude de selecçom entre possibilidades ideológicas que significam umha concepçom do mundo, umha mundivisom que nos define, que nos acouta, que nos caracteriza, que nos compromete.

Esta arte palavra, pois, é ambígua, e quando se trata da criaçom poética, da criaçom literária, é evidente que temos que considerar como essencial o feito estético. A arte é a criaçom da beleza, mas se esta beleza se cria me diante a palavra, entom temos o que chamamos poesia como arte, incluída dentro das tradicionais belas artes. No entanto, apreensom do mundo, umha apreensom intencional do mundo, toda palavra, a mais insignificante, umha vez escolhida, umha vez lançada em comunhom com as suas companheiras, os demais vocábulos, e articulada na frase que é um colectivo que actua conjuntamente, dá umha nota de utilidade ao discurso, porque o conceito é um instrumento para dominar o mundo. O que ocorre é que esta ambigüidade da palavra pode determinar que o essencial na criaçom literária, o essencial no conjunto de proposiçons, de oraçons que formam o discurso lingüístico esteja votado principalmente cara a criaçom de beleza ou esteja votado principalmente cara a expressom de um pensamento que tem como objecto dominar umha realidade. Em puridade, as demais artes, as demais belas artes, tanto as ópticas como as plásticas, están, em menor medida, desde logo, que a arte literária, dentro desta dualidade, dentro destas duas possibilidades, dentro desta bifurcaçom de caminhos, e assi falamos de belas artes e de artes úteis.

Quando o poeta se inclina especialmente do lado da criaçom estética, por exemplo no caso de um Mallarmé, temos a poesia, temos a literatura quase desumanizada, quase desprovida de sentido utilitário. É um tipo de poesia que estivo realmente de moda em distintas épocas da nossa cultura. Quando a palavra se converte numha observadora de si mesma e tem a coquetaria de contemplar-se no espelho e enfeitar-se constantemente (os inimigos desta orientaçom podem indicar que como umha cortesá no seu *boudoir*), entom temos um tipo de poesia preciosista, poesia barroca, poesia alexandrina, poesia de Góngora que pode alcançar umha perfeiçom formal extraordinária. Mais hai outras épocas, hai outros momentos, hai outras circunstâncias da vida em que o que predomina é, polo contrário, a expressom do pensamento, de umha ideologia que está encaminhada, naturalmente, a produzir umha modificaçom no mundo circundante.

Entom temos a poesia, temos a literatura como arte útil. E claro esta que podemos cair em extremos sumamente agudos, podemos chegar a umha poesia que nom signifique nada porque os conceitos que as palavras exprimem estão convertidos em servos da sonoridade das palavras ou da evocaçom poética e simbólica que as palavras podem incluir como realidade operante, e também pode ocorrer que a palavra, como possibilidade de criaçom estética, se subordine inteiramente à didáctica, se subordine inteiramente à intençom. Quando o artista é um poeta, esta dualidade dá origem a dous tipos de poesia. Um velho tratado latino intitulava-se *Vergilius orator an poeta*. Discutia-se se Virgilio era realmente um poeta ou era um orador, ou era um retórico. Nom padecemos hoje, quando o mundo tem envelhecido tanto e tanto temos aprendido e tanto temos esquecido, nom adoecemos hoje da pueril, da infantil, da insolente pretensom de traçar limites estritos entre as cousas, de distinguir nediamente, com absoluta nitidez, o que poesia e o que é retórica. Realmente toda poesia necessita um apoio, necesita um andaime de construçom de alvanaria que é retórica e, por outra banda, umha retórica totalmente baleira de umha intençom poética, que se desentenda inteiramente da beleza artística, converte-se numha pura forma de discurso lingüístico utilitário. Os poetas que chegam, como no caso do criacionismo, a fazer um poema como a natureza fai umha árvore, a criar objectos que nom tenham umha referência à realidade, à parte de pretenderem algo utópico, estão afastando-se extraordinariamente desta possibilidade ideologica conceptual da poesia. O letrismo, por exemplo, ou outras escolas que estiverom em voga nom hai muitos anos, convertem a arte num puro jogo mecânico sem referentes que nos permitam assimilá-la de umha forma colectiva, e talvez estão realizando um acto de perversom da palavra, quiçá estão usando a palavra de umha maneira demoníana, destruindo-a em vez de utilizá-la para construir. Mas, por outra parte, a possibilidade de umha arte poética, de urnha criaçom poética que se desentenda inteiramente da estética, que diga desprezar a estética, que diga desprezar a beleza e que queira simplesmente conseguir que se ganhe umha folga declarada ou que se experimente por parte dos cidadaos um movimento de reacçom frente a umha determinada lei ou um determinado regulamento ou umha determinada medida adoptada por umha autoridade municipal, supom também, claro está, umha atitude frente à palavra que se sai dos limites da poesia. Em realidade estamos propugnando um equilíbrio dificilmente conseguível, mas nestas dificuldades radica o mérito do escritor e cabe evidentemente, se nom somos fanáticos, se nom pretendemos de umha maneira estritamente maniqueia que a arte deve canalizar-se por umhas cales concretas e que fora dessa cale nom hai salvaçom para o artista nem para o home, se nom aceitamos esta doutrina, temos que aceitar nom já a poesia pura, nom já poesia útil, estritamente útil, mas umha poesia mista em que como todo o humano as sombras e as luzes, o espírito de lúdica criaçom estética e o espírito de expansom sentimental e mesmo de esforço para contribuir numha determinada direcçom a suprir deficiências do mundo actual, se combinem em maior ou menor medida.

Ora bem, o caso da literatura, o caso da poesia galega, o caso do verso e a prosa do nosso país, sobretudo se consideramos o nosso país e na nossa prosa e a nossa poesia dentro dos limites assinalados a *quo* polo Renascimento do século XIX, se consideramos assi a nossa poesia, a nossa literatura, diremos que nela o sentido que podemos chamar utilitário, o discurso político, numha palavra, está presente desde o primeiro momento e ainda naqueles instantes em que parece eclipsar-se este sentido político, este discurso político, se queremos expressar-nos com mais moderaçom, com mais prudência; ainda nestes momentos esse discurso político subjaz à criaçom literária e neste sentido, aqueles estudiosos que procedentes do campo da politologia ou da sociologia tenhem trabalhado, tenhem comentado ou tenhem, simplesmente, fantaseado

sobre a obra de Celso Emílio Ferreiro, som até agora, ou até hai mui pouco, quase os monopolizadores de umha realidade que tem muitas facetas; e eles, pola força naturalmente do seu método e tamém pola força das circunstâncias, porque a crítica literária tamém se incorporou à luta pola liberdade, à loita pola modificação das circunstâncias políticas que regiam naquele tempo, estes homes, estes sociólogos, estes politólogos tenhem sido inclinados, por umha dialéctica natural dentro do seu propósito e das realidades que viviam, a fazer de Celso Emílio Ferreiro um inovador neste aspecto concreto, no aspecto de que incorporou ao discurso poético o discurso político, com umha força, com umha insistência, com um êxito que nom se dera na poesia galega tradicional, e, realmente, tinham em parte razom e em parte estavam enganados, porque nom hai que crer, de nengunha maneira, que dentro da poesia galega, dentro da literatura galega, Celso Emílio Ferreiro é o que introduz o discurso político. Nem sequer se pode admitir, sem discussom, que nom tivesse precedentes enormemente brilhantes e que, em grande parte, determinaram a sua própria obra, porque o discurso político, já o indiquei hai um momento, de umha forma ou de outra —entendendo por discurso político o que expliquei ao princípio desta palestra—, está presente a todo o longo, da literatura galega, pois o feito de escrever em galego, o feito de compor versos ou prosas em galego num país em que o idioma estava postergado, em que o idioma estava decaído, em que o idioma estava oficialmente negado, ou num país como o actual em que, se oficialmente nom está negado o no idioma, está, polo menos, extraordinariamente coutado pola competência idioma oficial do Estado, o feito de escolher a atitude de poeta galego prosista galego, o feito de escrever em galego, o que resulta enormemente cómodo e moitas vezes resultou e pode resultar no presente e, se calhar, o futuro, esse feito supom umha atitude que entra plenamente dentro do discurso político. De maneira que o discurso político está convivendo com o discurso poético desde os começos da literatura galega moderna. Alguém dos presentes ao melhor pensa que podíamos levar mais alá ainda esta ideia e suster que desde as cantigas de escárnio o discurso político está presente na literatura galega, na literatura galega anterior à desnormalização do idioma galego, ocorrida a fins a Idade Média, a princípios do Renascimento. E nom hai inconveniente em aceitar esta doutrina, ainda que ocorre que nom devemos esquecer o carácter eminentemente cortesao da poesia trovadoresca, que se manifesta nom somente na cantiga de amor e na cantiga de amigo mas tamém na cantiga satírica. A cantiga de escárnio é umha cantiga comprometida, é umha cantiga, de tipo político muitas vezes, mas é evidente que é cortesá.

Portanto, ainda que a genialidade de este ou de aquele poeta poda permitir-se o luxo de marcar horizontes que ainda nom estão totalmente desvelados, é, em conjunto, umha obra de submissão cortesá. Contodo, ademais, nós somos perfeitamente livres de acoutar os espaços que queremos estudar, e aqui decidimos considerar a literatura galega moderna, e esta nasce precisamente em um compromisso com a língua e, neste sentido, é o discurso político o prevalecente na maior parte dos escritores que, com fortuna ou sem fortuna do ponto de vista poético, escrevem desde princípios do século XIX.

Quando começa a Renascença das Letras Galegas? Quando começa o Ressurgimento da nossa literatura? Quando começa, enfim, esse surgimento com umha vaga ideia de que tem uns precedentes medievais que é, se quadra, a caracterização mais exacta da história desse intre do nosso quefazer literário, já que os primeiros escritores do XIX galego ignoravam totalmente ou conheciam vagamente a existência de umha literatura galega medieval? Se examinamos os escritores do século XIX, podemos perguntar-nos se aqueles escritores populares que escreviam prosas e versos encaminhados a suscitar o ódio dos labregos contra os invasores franceses durante a etapa que se vai estendendo de

1808 a 1814, e aqueles outros que estavam inteiramente mergulhados na luta entre constitucionais e absolutistas depois da terminação da guerra da Independência —que foi, em grande parte, uma guerra civil—, podemos perguntar-nos se estes escritores não iniciam já, em realidade, a literatura galega moderna. Mas é igual que consideremos que com estes começa esse ciclo que chamamos Renascimento ou que começa mais adiante, quando ao redor de 1840 ou 1845 figuras como Alberto Camino, Francisco Anhom, Vicente Turnes se manifestam de um jeito ou de outro como Precursores de Rosalia. Em todo o caso esta literatura, nos começos, é uma literatura em que o discurso político tem uma enorme importância, e tem uma enorme importância porque o idioma se utiliza precisamente com este fim, com este fim prático de conseguir que haja uma palingenesia, que haja uma revolução espiritual que facilite a revolução de tipo material, de tipo social que pretende, já seja para expulsar os franceses do território galego, já seja para fazer triunfar uma ordem constitucional frente à ordem da monarquia absolutista, já seja, um pouco depois, para conseguir que a fórmula liberal, finalmente, ainda que precariamente, triunfante, se incline do lado do progressismo e não do lado da reação moderada. Se consideramos a literatura galega da época da Guerra da Independência, veremos que um Fenández Neira, por exemplo, no seu *Diálogo* em que dois lavradores que intervinham na luta contra os franceses, se contam mutuamente a sua história militar, ou Boado Sánchez quando mais adiante se ergue contra os abusos chamados *direitos de estola e pé de altar*, ou qualquer dos autores anónimos dos interessantes *Diálogos na Alameda* ou *Diálogos na Quintana* que se publicavam entre nós e que são alegados, ordinariamente em favor do regime liberal frente ao regime absolutista, ou do progressismo frente ao moderantismo, veremos que todas estas personalidades, umas anónimas, outras perfeitamente situadas dentro da história biográfica dos nossos escritores, escrevem em galego com uma finalidade concreta, com uma finalidade política. Mas quando o nosso Renascimento se manifesta na sua plenitude passa o mesmo. O que ocorre é que se o escritor em questão é um grande escritor, se o poeta que versifica é um grande poeta, a sua emoção política, o seu ideário social expressa-se com uma altura que dá valor estético.

Qual é o mais antigo entre os grandes livros do nosso Renascimento? Quando por primeira vez se escreve uma obra que se pode exportar, que se pode considerar como digna de ser lida fora das nossas fronteiras, que não é somente um regulamento doméstico, que não é somente um alegado para resolver, problemas internos mas que atinge universalidade pela sua brilhantez literária, pela profundidade ou pela emoção ou pela elevação dos seus conceitos artísticos que envolvem o conceito propriamente utilitário? Isto ocorre, já o sabemos no ano 1863 quando Rosalia publica os *Cantares Gallegos*. Toda obra literária admite muitíssimas leituras. Historicamente *Cantares Gallegos* é qualquer coisa menos uma colecção de idílios. Podemos, efectivamente, lê-la como um conjunto de idílios, com um espírito neutro com que hoje podemos ler os idílios de Teócrito. Mas isso está muito longe da intenção da autora. O prólogo de *Cantares Gallegos* declara paladinamente para que se escreve: escreve-se com uma homenagem a uma língua aldrajada, escreve-se com uma homenagem a uma pátria empobrecida e desdenhada. Em grande parte não se escreve para os mesmos galegos mas para aqueles que não nos conhecem e têm de nós um conceito depauperante, um conceito pejorativo... de maneira que o discurso político está plenamente presente em *Cantares Gallegos*. Rosalia, porém, na sua segunda grande obra de versos, no seu segundo grande livro lírico, *Follas Novas*, publicado em 1880, o *annus mirabilis* da literatura galega, Rosalia em *Follas Novas*, ainda que, efectivamente, em grande parte deste livro afunda de jeito estremecedor nos problemas que angustiam o homem situado entre um nascimento e uma morte sobre quem não sabe nada (e neste sentido Rosalia

é um poeta metafísico), além desta secção da sua obra, não esqueçam que Rosalia continua em parte também a direcção iniciada em *Cantares Gallegos*, e no livro de *Follas Novas* (como sabemos *Follas Novas* está dividido à maneira clássica em livros segundo a tradição romana), no livro intitulado *As viúdas dos vivos e as viúdas dos mortos*, afronta directamente o problema da emigração, o grande problema social da época. Neste sentido há um discurso político evidente em Rosalia. Rosalia escreve a maior parte da sua poesia lírica para defender a sua terra e para promover uma modificação do mundo galego, se bem, naturalmente, Rosalia não incorre numa tendência a um absolutismo cego que ignore o indivíduo e que de uma maneira totalitária o subsuma no espírito da colectividade. Em Rosalia não há nenhum Leviatã que se apodere do indivíduo, e portanto Rosalia tem todas as angústias, tem todas as preocupações ante o problema da morte, ante o problema de Deus, ante o problema do amor que tem o homem, que forma parte como um elemento indispensável e essencial da colectividade galega.

E que diremos das outras duas grandes figuras da poesia galega do século XIX? Pondal é um escritor ao serviço da sua terra. A função do intelectual simbolizada pelo bardo é servir o país. Há uma tendência aristocrática na poesia de Pondal, mas o aristocrata para ele é o servidor do povo, é o servo dos servos de Deus, para dizê-lo com uma expressão eclesiástica. Assim como o Romano Pontífice se intitula servo dos servos de Deus, o aristocrata, para Pondal, Pondal mesmo, é um homem que está ao serviço dos ilotas, ao serviço dos escravos, e que emprega a sua superioridade mental ou cultural ou a sua superioridade moral no serviço do seu país.

Quanto a Curros, é um antecedente imediato de Celso Emílio Ferreiro. Nado na própria vila onde este nasceu, é sobretudo conhecido pela sua poesia reivindicativa, pela poesia de tipo social que, orientada e conformada pelas ideias progressistas do seu tempo, vai produzir uma série de produtos poéticos excelentes que não excluem tampouco, como no próprio caso de Celso Emílio ocorre, a poesia de outras orientações, de outra temática em que Curros foi também excelente. Curros, homem de ideias religiosas de tipo deísta, Curros, homem progressista na ordem das opiniões a propósito do desenvolvimento da realidade social e política daquele momento, Curros é capaz de compreender a ternura das tradições, a beleza da lenda no caso de *A Virxe do Cristal*. De jeito que não é, de nenhuma maneira, como não o é Celso Emílio Ferreiro, um poeta fanático exclusivamente votado a uma determinada temática.

E assim continua o desenvolvimento da poesia galega, da literatura galega até aos mesmos tempos em que se inicia a transformação desta poesia por influxo das vanguardas literárias. Os grandes poetas herdeiros da poesia do século XIX são também poetas em que o discurso político tem uma grandíssima importância. Pensemos na figura mais destacada deste grupo de escritores, que é, evidentemente, Ramon Cabanilhas. Ramon Cabanilhas, se queremos projectar a sua obra sobre a pantalha das circunstâncias históricas do seu país, no seu momento, é um grande poeta social, é um poeta da época do agrarismo, é o poeta da época das Irmandades. E só nos últimos tempos, depois da Ditadura de Primo de Rivera, quando um renascimento cultural de tipo mais ou menos científico se manifesta através da instituições como o Seminário de Estudos Galegos, Cabanilhas, sempre atento ao serviço do seu país, incorpora-se a esta nova classe de combate por Galiza e escreve, por exemplo, as Sagas do Santo Graal, que podem, naturalmente, ser lidas como se contemplam por um indivíduo não católico as ricas entonações de cor e de desenho das vidraças de uma catedral gótica, mas que, evidentemente, estão motivadas, do ponto de vista genético, pela criação, pelo desejo da formação de um mito artúrico que simboliza, precisamente, o caminho de Galiza através da sua história e o seu propósito de encontrar-se a si mesma. Galaaz procura o

Graal, Galaaz acha o Graal nas Sagas do Santo Graal de Cabanilhas. Mas esse Galaaz nom é senom a nossa terra que vai em procura de si mesma, e, neste sentido, todo o pré-rafaelistas que queirades, todo o influídas por Tennyson que podam estar, todo o miniaturistas, o miniadas, o artisticamente desenhadas em púrpura eclesiástica que estejam as Sagas do Santo Graal, som umha enormemente comovida e enormemente comprometida expressom de fé na nossa terra. É, como se dixésemos, um itinerário que traça com o seu verso alexandrino e octossílabo o grande poeta de Cambados para ajudar ao Cristo que, como dizia Curros, é Galiza e que leva a sua cruz, a achar, nom o caminho do calvário onde está crucificado hai tanto tempo, mas o caminho da sua resurreiçom, o caminho de si mesmo.

Por quê entom este triunfo explosivo de Celso Emílio Ferreiro com os seus versos a partir especialmente do que é um conjunto que leva um título tomado de Curros Henríquez, *Longa noite de pedra*, deixando à parte o tam controvertido e tam susceptível de discussom do ponto de vista ideológico de *Viaxe ao país dos ananos*? Celso Emílio Ferreiro tem umha etapa anterior de poeta de tipo neotrovadorista, de tipo hilozoísta, de poeta estetizante, e depois umha etapa, representada polos seus primeiros livros importantes, de poeta, que podemos chamar existencialista, com muita influência do existencialismo cristam. A referência a Deus, que naquela época é designado como *Dios* por Celso Emílio Ferreiro, em *O sono sulagado* é frequentíssima. Em 31 poemas que constituem o texto da primeira edição de *O sono sulagado. Dios ou Senhor*, para designar ao mesmo Dios, aparece 19 vezes: *o neno preguntaba I sabe que hai Dios o vento?*; *namentras o bon Dios calado espreita*; *canle de Dios que cara o mar me leva...* O silêncio de Deus, um tema fundamental do lirismo cristam, está mui presente neste livro de Celso Emílio. Mas a partir de *Longa noite de pedra* Celso Emílio converte-se no poeta civil mais característico, mais aplaudido, quase o único considerado naquele momento de Galiza, o qual significa que, efectivamente, tem uns meios de realizaçom poética do discurso político superiores aos dos poetas que o rodeiam. Nom diria eu que superiores aos dos poetas como Cabanilhas ou Curros que o precederom; e a sensaçom que tem algum leitor de Celso Emílio Ferreiro neste momento da sua eclosom como poeta civil de que se trata realmente de algo novo dentro da literatura galega procede, em parte, do feito de que, claro está, vivia-se entom sob umha censura estrita que somente por meios de tipo mui perifrástico —a própria poesia da época de Franco de Celso Emílio é perifrástica— permitiam a expressom de um pensamento de oposiçom à situaçom política entom vigente. Pero ademais, e sobretudo porque dentro da literatura, dentro da poesia galega, saíamos de umha etapa em que a tradiçom fora quebrada. Por primeira vez o desejo de cosmopolitismo, a tendência à pureza de método, ao especialismo, criara umha nova forma de literatura galega, representada por dous grandes poetas moços, malogrados, mortos aos 30 anos: Amado Carvalho e Manuel António. Sabemos que estes dous homes eram fervorosos nacionalistas, mas a sua poesia, afora leves pinceladas que se podem detectar sempre dentro de umha ordem para acusar a existência de outra ordem subreptícia, é umha poesia que refugava todo discurso político. Estava mal visto naquela época, do ponto de vista estético, recorrer ao tema político. E assi surge o especialismo na metáfora de tipo hilozoísta em Amado Carvalho, e a metáfora de tipo imaginista e criacionista, em geral, em Manuel António. Educamo-nos os homes da minha idade e da idade de Celso Emílio Ferreiro, que era mui poucos anos mais novo ca mim, educamo-nos neste esteticismo de tipo apolítico que rejeitava a temática propriamente social, propriamente colectivista e que encaminhava a sua intençom à criaçom de umha arte puramente estética em que as palavras, como em Mallarmé, tinham um valor por si mesmas, ou polo menos tinham-no como expressom de conceitos de álgebra estética. A poesia é a álgebra superior das



metáforas, chegou a dizer um grande ensaísta espanhol daquela época. E, neste sentido, claro está que a poesia que se fai indispensável como meio de combater literariamente a ditadura daqueles tempos e que provém de um espírito de necessário protesto, resulta algo sumamente novo para os que se educarom no hilozoísmo e no criacionismo de Amado Carvalho e Manuel António. Neste sentido é nova esta poesia, mas é nova porque a sua inovação vem a servir de elo, a servir de anel com relação à poesia galega tradicional. Esta foi sempre, pois, umha poesia que tivo em conta o discurso político e que somente numha breve etapa, a que precede imediatamente à poesia de protesto de Celso Emílio e dos seus seguidores, se apartou deste caminho.

Isto é o que queria dizer e isto é o que dizem, com as limitações que me imponhem as circunstâncias pessoais, a propósito do discurso político e do discurso poético na poesia galega moderna. Umha palestra, umha modesta contribuição simplesmente ao desejo de emarcar Celso Emílio Ferreiro dentro das leis históricas que regem o devir da nossa literatura. Agora vós, interessados por este home e por esta obra, sem prejuízo de seguir estudando a sua figura sob ponto de vista biográfico e sob ponto de vista ideológico, tendes que realizar também o labor de fixar a literariedade da sua obra, trabalho que apenas está encetado. Que este Simpósio sirva para que esse caminho de conhecimento da figura do poeta que hoje lembramos seja, em definitivo, iniciado e futuramente realizado por homes que, como a maior parte dos presentes, estão melhor preparados que os que já declinamos na nossa idade para acometer com métodos modernos, com métodos acurados, com métodos agudos, com métodos novos, com métodos precisos, com métodos exactos *sine ira et studio* um labor científico que deixo nas vossas mãos.

[Transcrição da conferência proferida o dia 22 de Abril de 1988 na Escola Universitária de Formação do Professorado de Santiago, como encerramento do *Simpósio Celso Emílio*, organizado pola Associação Galega da Língua e a Associação Nacional de Estudantes de Letras. (N. da R. de *Agália*).]